



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GILMAR TONDIN

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-593

Entrevistado: Gilmar Tondin

Nascimento: 24/02/1959

Local da entrevista: Parque Tamandaré – Porto Alegre

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Leila Carneiro Mattos

Data da entrevista: 25/09/2015

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora e 29 minutos

Páginas Digitadas: 30 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação em Educação Física; Atuação profissional com esporte e lazer; Atuação na Secretaria Municipal de Esportes de Porto Alegre; Programa Esporte e Lazer na Cidade (PELC); Processo de formação de agentes PELC; Convênio do Ministério do Esporte com a Universidade Federal de Minas Gerais; Formações realizadas; Regiões de formação; Encontros dos formadores; Ações desenvolvidas; Impacto social do PELC; Sistema de avaliação do PELC;

Porto Alegre, 25 de setembro de 2015, entrevista com Gilmar Tondin a cargos das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Leila Carneiro Mattos para o Projeto Garimpando Memórias.

P.J. – Gilmar, primeiro queria te agradecer por conceder esse tempo para conversar um pouquinho sobre o PELC¹, e eu queria que tu começasses falando sobre a tua formação e como a temática do lazer apareceu na tua trajetória.

G.T. – Bom, eu sou formado em Educação Física, me formei na UFSM² em 1981, em junho de 1981. Quando eu me formei em Santa Maria eu vim a Porto Alegre fazer especialização, fiz uma especialização em Ciência do Esporte, fiquei um semestre estagiando no Lapex³ quando o Lapex era lá no lado do ginásio, ainda não era no prédio novo bonito e maravilhoso que está agora. Isso no segundo semestre de 1981, em 1982 eu fiz uma especialização em Educação Psicomotora com o Negrine⁴. Então eu comecei a trabalhar em Porto Alegre, Inicialmente, vim a Porto Alegre só para estudar e acabei trabalhando, e ficando até hoje. Foi surgindo oportunidades de emprego, primeiro uma escola, foi surgindo uma escolinha de jardim de infância, fui construindo toda minha trajetória profissional na escola. Lá pelas tantas em 1984, 1985, eu fiz um concurso para a Prefeitura e quando fui chamado em 1987 me apresentaram a possibilidade de trabalhar em uma praça. Eu pensei: “como assim trabalhar em praça?” Eu trabalhava em escola, aliás, eu trabalhava em três escolas, uma escola grande o Colégio João XXIII, trabalhava em duas escolinhas pequenas uma era O Chapeuzinho Vermelho e a outra Pequeno Príncipe em pontos distantes da cidade, eu viajava muito para dar aula.

P.J. – E era concurso para professor aqui em Porto Alegre?

G.T. – Sim! Como professor da Rede Municipal de Ensino. Quando eu assumi me apresentaram essa possibilidade, aliás o atual Secretário de Esportes, Edgar Meurer⁵, na ocasião era o supervisor. Nessa ocasião a supervisão de Esportes e Lazer de Porto Alegre

¹ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

² Universidade Federal de Santa Maria.

³ Laboratório de pesquisa do exercício – ESEFID/UFRGS.

⁴ Airton da Silva Negrine.

era vinculada a SMED⁶, Esporte e Lazer na verdade, a Recreação Pública estava vinculada a SMED, ela estava lá porque era o mesmo concurso, a chamada era uma sequência de pessoas para assumir e o Edgar estava lá e me convidou para trabalhar. Na ocasião achei interessante porque ele me propôs um horário noturno consequentemente não precisava abrir mão das minhas escolas durante o dia, passei a trabalhar três noites, eram três noites mais o sábado de manhã. E assim eu entrei no que chamavam de Recreação Pública, foi essa minha entrada, foi assim que começou. E de lá para cá... Eu nem imaginava que tivesse trabalho em praças, em parques na cidade Porto Alegre, financiado pelo poder público, custeado pelo poder público. Foi assim o primeiro conhecimento da entrada e de lá para cá, a minha vida mudou total em relação à compreensão e a possibilidade da atividade física da educação física no campo da educação, em especial a educação física não escolar.

P.J. – E como tu conheceste o PELC? Tu já tinhas ouvido falar como política?

G.T. – Bom, o PELC em si não é uma coisa muito diferente daquilo que eu faço desde 1987, trabalhar com comunidades, com atividades recreativas e esportivas focadas para atender as pessoas ou ser mais um elemento de lazer para melhorar a qualidade de vida das pessoas fora de seu horário de trabalho. A história do PELC é assim: no primeiro Governo do Lula⁷ quando o Agnelo⁸ era o Ministro do Esporte, ele esteve em Porto Alegre. Quando ele veio a Porto Alegre, eu e a Rejane Rodrigues⁹ fomos a uma audiência no Gabinete do Prefeito, e nessa ocasião ele estava construindo a política de esportes para o Governo Federal, que não existia. Era um ministério novo e não existia uma política pública de esporte e lazer. Nessa ocasião nós sugerimos a ele um projeto para trabalhar com as comunidades de esporte e lazer, exatamente como é o PELC. Ele comprou essa ideia. Naquele mesmo ano nós realizamos, não sei se foi a primeira ou a segunda Conferência Municipal de Esportes de Porto Alegre e chamamos o Orlando Silva¹⁰ que na ocasião era o Secretário Executivo e que depois substituiu o Agnelo quando ele saiu

⁵ José Edgar Meurer.

⁶ Secretaria Municipal de Educação.

⁷ Luiz Inácio Lula da Silva.

⁸ Agnelo dos Santos Queiroz Filho.

⁹ Rejane Penna Rodrigues.

¹⁰ Orlando Silva de Jesus Júnior.

para concorrer a cargos eletivos, o Orlando assumiu o Ministério do Esporte. O Orlando esteve aqui conosco como Secretário Executivo para fazer a fala de abertura da nossa conferência, ou seja, ficamos muito próximos do Orlando, pela identidade política, ideológica, pela identidade das políticas públicas em relação ao esporte e lazer, dessa forma as coisas foram se configurando. A Rejane na ocasião foi, digamos sondada, inclusive, para ocupar a Secretaria Nacional de Esporte e Lazer...

P.J. – E tu a conhecestes trabalhando na Prefeitura?

G.T. – Sim! Sim! Nós nos conhecemos há mais de vinte e cinco anos trabalhando juntos, sempre, ela trabalhava no Ararigbóia¹¹ e agora esta lá de novo. Ela voltou à origem. Dá para falar muito sobre isso, da nossa trajetória como colegas de trabalho por muito tempo. Então foi dessa forma que nós tivemos, eu e a Rejane, o primeiro contato com o PELC. Bom, a partir do momento que o Ministério definiu o Secretário que foi o Lino Castellani Filho e o Luiz Fernando Veronez, do Rio Grande do Sul, natural de Pelotas, assumiu junto com o Lino a Secretaria e criaram o PELC. Eu acho que isso foi em 2003. Nesse meio tempo nós pela primeira vez... Porto Alegre também... Conseguimos captar recursos do Governo Federal para implantar um projeto na área de esporte e lazer que até então nunca tínhamos conseguido. Então o Ministério liberou um aporte de recursos e nós iniciamos um projeto que nós não chamamos de PELC aqui em Porto Alegre, nós chamamos de PIEC¹² financiado pelo Governo Federal. Por aqui a gente utilizou o título de PIEC localizado próximo a atual Arena do Grêmio¹³ onde foi construído um grupo habitacional popular com financiamento do Fonplata¹⁴ e aí nós fizemos o trabalho exatamente como é o PELC hoje, de articular as comunidades, desenvolver programas de esporte e lazer, não só para as crianças mas para os jovens, para os adultos e idosos. Então foi assim que eu conheci o PELC, na sua origem. Um pouquinho depois com a saída... No primeiro ano de gestão do Agnelo, ou melhor, no terceiro ano de gestão do Ministério, o Lino que era o Secretário saiu. E, quem assume? A Rejane. Isso era 2006 eu acho, ou 2005.

¹¹ Parque Ararigbóia.

¹² Projeto Integrado Entrada da Cidade.

¹³ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

¹⁴ Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata.

P.J. –Tu participaste desse processo de construção do PELC de escrever o projeto?

G.T. – Não, não participei. Só com ideias na conversa com o Agnelo, reforçado depois com o Orlando. A elaboração teórica e documental, não participei. Eu acho que nem a Rejane. Até porque nós tínhamos divergências políticas internas em relação ao grupo que estava lá. Lino, Luiz Fernando Veronez e nós, que dava o maior acirramento nas discussões na Setorial Estadual do PT¹⁵ quando vinham para o Rio Grande do Sul as pessoas que integravam o Ministério, nas reuniões da setorial estadual do PT. As discussões eram acirradas e nós éramos de grupos distintos e, portanto, a gente não sentou para escrever o Programa, mas também não fomos convidados, não sei como é que foi a elaboração do projeto. Quando o Lino saiu quem assumiu foi a Rejane, isso no quarto ano da primeira gestão do Ministro Agnelo; eu acho que ainda era o Agnelo não lembro sobre essa passagem no Ministério, a Rejane vai saber falar melhor sobre isso. Quando a Rejane assumiu o cargo de Secretária Nacional de Esporte, Lazer e Inclusão Social, tomou conhecimento do Programa com mais profundidade, isso ela comentou conosco, comigo, com outras pessoas: “Olha gente, nós temos PELC e tem uma formação do PELC e o que eu pretendo e gostaria que essa formação fosse dada por pessoas que estão no campo, que atuam e que possam levar uma formação para os agentes e monitores; coisas concretas e que deem sugestões e ideias e a forma de como trabalhar cotidianamente com essas políticas públicas.” Era o que nós fazíamos aqui em Porto Alegre. Esse trabalho com comunidade, em praças, parques, existe desde 1926 em Porto Alegre, existe uma história de construção, de idas e vindas que está no DNA da gente daqui da SME¹⁶. Dessa forma a Rejane convidou o grupo de formadores, existia outro pequeno grupo do pessoal de São Paulo e do Rio, e ela levou isto para o Brasil todo, convidou uma galera do Sul, muitos aqui da Secretaria de Esportes e uma dessas pessoas fui eu. Aqui no Sul a gente organizou um grupo de formadores chamado Coletivo de Formadores do Sul e por isso, quando a gente ia dar as formações, não ia um formador só, iam um, dois, três até quatro, uma formação em São Lourenço do Sul¹⁷, por exemplo, nós fomos entre quatro, na cidade de

¹⁵ Partido dos Trabalhadores.

¹⁶ Secretaria Municipal de Esportes.

¹⁷ Município do estado do Rio Grande do Sul.

Feliz¹⁸ nós fomos em seis formadores. A gente não ia lá dar a formação pelo pró-labore da bolsa, a gente ia dar a formação porque queria passar o que nós fazíamos aqui e ainda fazemos em Porto Alegre para essas pessoas que iam iniciar uma Política Pública de Esporte e Lazer pela primeira vez, nos seus municípios.

P.J. – E quantos eram do Sul?

G.T. – Daqui do Sul éramos seis, inicialmente seis, uma era a Carmem¹⁹ que hoje é a Presidente do CREF²⁰. Eu, a Carmem, a Lisi²¹, que é a Coordenadora Pedagógica da SME, o Luiz Bohrer, que esteve na gerência de eventos, a Eneida²² e a Loreti²³. Que eu me lembre os primeiros seis foram estes, depois se incorporou nesse grupo o Ednaldo²⁴ da Unisinos²⁵, mas não no coletivo, se incorporou como formador. A Silvana²⁶ de Caxias do Sul e o Hamilton Toldo dos Santos, que hoje ele é nosso colega da SME. Esses três, o Matheus²⁷ também. O Matheus não chegou a fazer nenhuma formação, mas ele chegou, lá no início, a fazer parte dos formadores e a participar de algumas reuniões dos formadores. Mas do Coletivo do Sul eram seis pessoas depois entrou a Silvana, o Dinho - Ednaldo - e o Hamilton já no final ,antes de conveniar com a UFMG²⁸. Com o conveniamento com a UFMG mudou um pouquinho a forma de agenciamento das formações pelos formadores.

P.J. – Tu podes comentar um pouquinho como foi essa mudança?

G.T. – Sim. Antes como era? Antes do conveniamento com a UFMG, o processo deu início com um convite feito diretamente pela Rejane. A Andrea Ewerton²⁹ trabalhava

¹⁸ Município do estado do Rio Grande do Sul.

¹⁹ Carmen Rosane Masson.

²⁰ Conselho Regional de Educação Física.

²¹ Lisi Inês Schimidt.

²² Eneida Feix.

²³ Loreti Sandra Lazzarotto Rucatti

²⁴ Ednaldo da Silva Pereira Filho.

²⁵ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

²⁶ Silvana Regina Echer.

²⁷ Matheus Saldanha Filho.

²⁸ Universidade Federal de Minas Gerais.

²⁹ Andrea Nascimento Ewerton.

com a Rejane e convidou um grupo do Nordeste, do Norte, do Pará, assim, tinha o Coletivo do Sul e o Coletivo do Norte, algum pessoal de Minas Gerais e um grupo de paulistas e cariocas, basicamente esse grupos que constituíam um universo de setenta e sete formadores e funcionava assim. E nessa época, nesse período aí não era só Município que poderia captar recursos do PELC, era Município, ONG³⁰, enfim, não era tão restrito.

P.J. – Era o Aldo Rebelo³¹?

G.T.- O Aldo Rebelo quando assumiu, depois do Orlando, cortou a possibilidade das ONGs poderem captar recursos, porque dava muito problema de prestação de contas. Nesse período do grupo de setenta e sete formadores, antes do conveniamento com a UFMG era da seguinte forma: a entidade recebia recursos, tinha que fazer a formação, ligava para o Ministério e o Ministério acionava os formadores. Se esse pedido de formação chegasse aqui no Sul, no nosso grupo era assim, tinha uma pessoa que coordenava; essa pessoa recebia o contato do Ministério e verificava quem tinha disponibilidade e procurava fazer, mais ou menos, uma escala: “Gilmar e Léo³² tem essa formação em tal lugar sob responsabilidade de vocês. Podem dar conta?” “Podemos!”. Então nós íamos fazer essa formação.

P.J. – E quem era a coordenadora de vocês?

G.T.- Era, eu acho que era a Loreti, no final ficou a Loreti. O que aconteceu? Porque eram setenta e sete e diminuiu? Pela ordem... Antes foi convite da Rejane, e aí depois a Rejane abriu um Edital Público; a Rejane e a Andrea abriram um edital público para quem quisesse se cadastrar e para esse edital público era necessário elaborar uma proposta de formação. Foi aí que o grupo inicialmente de cinquenta e poucos passou para setenta e sete, porque muitas pessoas se credenciaram e foram aprovadas, dessa forma o grupo ficou maior. Se eu não estou enganado houve uma notificação do Tribunal de Contas da União apontando que o Ministério não podia constituir o grupo de formadores

³⁰ Organização Não Governamental.

³¹ José Aldo Rebelo Figueiredo.

³² Maria Leonor Brenner Ceia Ramos.

desta forma, vinculados diretamente ao Ministério do Esporte. Porque alguns faziam e outros não faziam determinadas formações? Tinham formações, tinham formadores, que faziam mais formações e outros faziam menos e alguns não fizeram. E que não podia ter essa vinculação direta de formador lá no Ministério porque a gente poderia criar um problema administrativo. Então a Rejane e o Ministério fizeram um convênio com a UFMG para repassar a responsabilidade para a UFMG do Programa de Formação. Diga-se de passagem, isso foi um grande ganho para o PELC porque o Ministério não conseguia dar conta do volume de trabalho que estava acontecendo no PELC. Nesta época o PELC estava *voando* em termos de Programa Social, e o ME não conseguia dar conta dessa demanda de formações e o acompanhamento das questões pedagógicas e burocráticas do PELC. As exigências, para o Ministério, eram muitas: ler relatórios, devolver relatórios, era humanamente impossível dar conta de tudo. Eu acho que foi um salto de qualidade o convênio da UFMG. Tinha também as formações dos formadores, então era muita coisa. Quando convênio com o Ministério, com a UFMG digo, para mim foi um grande ganho, muito bom. Houve um novo processo de contratação: a UFMG abriu um edital público com algumas exigências porque é um Órgão Federal e o formador tinha que estar vinculado a um Órgão Federal; tinha que ter uma vinculação com alguma Instituição Federal, hoje tem que ter uma vinculação com Instituição de Ensino, não necessariamente Federal, mas na ocasião tinha essa exigência, então, alguns formadores não tinham esse vínculo mas podiam buscar. Casualmente, neste período de mudanças de contratação de formadores, entrei no mestrado, com isso mantive o vínculo com instituição de ensino, mas também, havia a possibilidade para os formadores cursarem disciplinas especiais em programas de pós-graduação, cursar especialização, enfim, podia fazer isso para firmar convênio com a UFMG. Teve um grupo que se rebelou, não quis, não aceitou e acabou não se inscrevendo no edital até porque ia diminuir bastante o número de formadores, em função da nova estruturação que a UFMG desenhou junto com o Ministério. Não havia necessidade de setenta e sete, era em torno de trinta, trinta e cinco, então muitos não se inscreveram até porque nem todos seriam aproveitados, muito não se inscreveram e outros novos se inscreveram. Desses trinta e cinco nem todos foram aprovados, era para ficar vinte e cinco e acabou ficando vinte e dois, foi bem exigente o critério de seleção deste edital, com proposta

por escrito, entrevista com a equipe gestora. A entrevista que eu participei foi aqui na UFRGS³³, entrevista regional. Foram realizadas entrevistas em três ou quatro regiões do Brasil. O Ministério e a UFMG vieram até o Sul, então, quem tinha interesse aqui na Região Sul de atuar com formador tinha que fazer essas entrevistas aqui na UFRGS. Teve em Minas, teve em Recife, ou seja, distribuídas pelo Brasil. E foi isso que aconteceu; foi um processo, fazendo uma síntese rápida de como se deu esse processo de constituição dos atuais formadores, foi isso. De lá para cá essa articulação da UFMG e os formadores que a gente chama Sistema de Formação ou Programa de Formação que vem se qualificando, vem ampliando, os seminários de formadores (encontros semestrais) tem sido bem qualificados, achei que só tivemos ganhos, muitos ganhos, foi um grande salto de qualidade essa delegação de responsabilidade para a UFMG. E para UFMG também, eles dizem que para eles foi um grande ganho pedagógico, fazer essa vinculação, porque de que forma eles teriam tanta atuação no campo como eles tem hoje; eles estão no Brasil todo, a UFMG está no Brasil todo, eles conhecem toda a Política de Esporte e Lazer da periferia dos Municípios por intermédio do Ministério e dos formadores, está tudo lá nas mãos deles para fazer pesquisa, para fazer estudo. Ai uma opinião muito pessoal, eu acho que inclusive qualificou o Programa de Mestrado e Doutorado deles, porque ampliou o número de formadores que buscaram fazer mestrado e doutorado, ampliaram as pesquisas sobre o PELC... Nossa, foi um ganho muito bom para a UFMG.

P.J.- Então, como foi esse teu processo de preparação para ser formador tanto do Ministério, além do que tu já comentou, desse teu envolvimento. Como funcionou essa preparação, vocês se reuniam, tinha curso, como era?

G.T. – Bom, eu acho que uma formação como a gente faz na formação inicial se fores considerar que a formação inicial é aquela acadêmica. Se tu fizer uma analogia da minha formação enquanto profissional de Educação Física ou educador e a minha formação enquanto formador do PELC, a minha formação inicial para ser formador do PELC ela vem desde 1987 quando eu entrei na supervisão de esportes recreação e lazer de Porto Alegre. Neste momento comecei a identificar outras possibilidades, outras formas de pensar a atuação do esporte como um espaço de lazer, como um espaço de socialização,

³³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

como mais uma atividade dentro de um conjunto de possibilidades de um programa social de esporte e lazer. Então eu acho que vem de lá. Quando nós fomos convidados pela Rejane para assumirmos a função de formador, e não era formador, era outro nome que nós tínhamos, parece que era supervisor. Eu fazia parte de um grupo de formadores do sul e passamos a nos reunir, nós fazíamos reuniões sistemáticas para construir a formação, para construir os slides e muitos destes slides são usados até hoje, a gente organizou toda uma formação e para chegar a essa programação de formação foram necessários muitas leituras e estudo para a elaboração final.. A nossa prática até então era organizar eventos, elaborar planejamento pedagógico, e para que a gente pudesse, digamos, transformar ou levar a nossa prática do cotidiano, nossa experiência como professor de praça, de parque, coordenador pedagógico e coordenador de unidade recreativa; nós tínhamos que sistematizar e fundamentar a nossa prática, então a gente também se formou como formador nessa discussão coletiva, nessa discussão com esse o grupo de seis pessoas. Outra característica de grupo de formadores do sul, nós nunca íamos sozinhos fazer a formação, íamos dois, três porque um dava o *feedback* do outro, um era a consciência do outro, era o grilo falante de um e outro.

P.J.- E essa sistematização que tu comentou agora era regional?

G.T.- Era regional.

P.J.- Em nível nacional vocês não se reuniam?

G.T.- Sim! Eu vou chegar lá. Essa formação desse grupo do Sul foi muito bom e ao mesmo tempo nacionalmente o Ministério organizava um ou dois encontros anuais com todos os formadores e muitas vezes, e algumas vezes, junto com os pesquisadores da Rede Cedes³⁴, claro que ai ficava um grupão. Ocorriam seminários muito grandes, com cento e tantas pessoas e ai bom, não aprofundava tanto os temas mesmo que se quisesse, mesmo que tivesse uma preocupação de aprofundar temas, de trabalhar o cotidiano, não é a mesma coisa que tu discutir em seis pessoas. O Coletivo do Sul, era uma iniciativa nossa, daqui do sul, e tinha também por iniciativa do Ministério esses encontros de

³⁴ Rede CEDES - Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer.

formadores duas vezes por ano, tanto que no contrato hoje, no atual edital, no contrato que temos com a UFMG, temos que além de estar disponível para trabalhar as formações dos convênios, nós temos que participar dos dois encontros anuais de formadores. Sábado agora, amanhã, tem Encontro de Formadores do Sul aqui em Porto Alegre, na casa da Léo, só não vai estar a Keni³⁵ que é paulista e que se integrou agora ao grupo de formadores do Sul, porque ela já tinha agendado uma viagem e ela não pode desmarcar. Mas vão estar reunidos aqui, eu a Eneida, a Silvana que vem de Caxias do Sul e a Léo. A Léo agora tem um papel, que antes não existia, de articulador regional, ela é responsável para acompanhar as formações da Região Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina. Ou seja, no primeiro semestre a gente se reuniu em Brasília, a gente tem obrigação por contrato e tem que participar de dois encontros anuais quando chamado pelo Ministério, além do nosso trabalho como formador. Assim, temos a nossa formação enquanto formador e o nosso compromisso também de formador. A UFMG também organiza com uma certa frequência chats de discussão pelo *Skype*, a gente tem alguns contatos virtuais para discutir temas específicos. É claro que nem todos conseguem participar, eu sou um que tenho dificuldades de participar desses encontros on-line porque esses eles acontecem a noite e eu trabalho a noite. Para estas situações os encontros ficam gravados e eu ouço no dia seguinte.

P.J. - E o PELC, ele está dividido hoje, não é? Tem o “PELC Urbano”, os “Povos Tradicionais”, tem o “Vida Saudável”...

G.T. - Agora o “Vida Saudável”... Antes o PELC era “PELC Todas as Idades e Vida Saudável”. Agora mudou! Agora é “Programa Vida Saudável” e “PELC Urbano” e o outro é “PELC dos Povos Tradicionais”.

P.J.- E tinha uma época que havia o Pronasci³⁶ também?

G.T. – Pronasci, sim, eu fui um dos formadores do Pronasci.

P.J.- Tu chegaste a atuar em todos eles?

³⁵ Keni Tatiana Vazzoler Areias.

³⁶ Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

G.T.- Não, todos não. Atuei em vários convênios do Sul e que aconteceram dentro da disponibilidade que tinha. O Ministério do Esporte tinha setenta e sete formadores e para não abrir um novo processo de contratação de formadores, destacou vinte distribuídos regionalmente para dar conta do Pronasci que era um convênio com o Ministério da Justiça e que ocorreu na época em que o Tarso³⁷ foi Ministro. O Tarso teve uma experiência positiva aqui em Porto Alegre quando ele foi Prefeito, de desenvolver o “Esporte à Meia-Noite”, na prefeitura de Porto. Aconteceu lá na Restinga³⁸ numa região de bastante violência, com problemas sociais muito sérios, e ele gostou da ideia de fomentar o trabalho de “Esporte à Meia-Noite”, inspirado no prefeito de Nova York que para diminuir a violência urbana, dentre muitas ações, iluminou as ruas e criou bastante quadrinhas de basquete nas esquinas. Dessa forma, as pessoas ficavam a noite jogando. Quando o Tarso foi prefeito de Porto Alegre, na segunda gestão, nós criamos um projeto chamado “Esporte à Meia-Noite” na Restinga, com a perspectiva de desenvolver o “Esporte à Meia-Noite” e o futebol. Quando o Tarso assumiu o Ministério da Justiça... Veja a ligação: quando foi Prefeito a Rejane Rodrigues era a Secretária Municipal de Esportes de Porto Alegre... E, quando ele assumiu o Ministério da Justiça, a Rejane era a Secretária Nacional do Esporte, Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte. Se e criaram esse projeto junto com o Pronasci. O Pronasci era uma estrutura maior, tinha várias coisas, uma delas era o PELC Pronasci. Eu trabalhei em algumas formações deste Programa que foram muito bons, por exemplo, Cachoeirinha³⁹. Cachoeirinha desenvolveu um Pronasci que depois por vários problemas, alguns políticos e outros orçamentários, eu diria mais políticos do que orçamentários, o Tarso saiu do Ministério da Justiça e não foi mais repassado o recurso financeiro para o Ministério do Esporte desenvolver o PELC Pronasci. Então, não foi uma atuação muito duradoura, eu estive no Pronasci em Cachoeirinha, Canoas⁴⁰ e São Leopoldo⁴¹. Na minha avaliação o que funcionou melhor foi Cachoeirinha, porque eles focaram a faixa etária do programa, que era de 15 a 24 anos. Em Canoas e São Leopoldo, fizeram um PELC para todas as idades, fugindo da proposta original de atender jovens na idade entre 15 e 24 anos.

³⁷ Tarso Fernando Herz Genro.

³⁸ Bairro situado na zona sul da cidade de Porto Alegre.

³⁹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

⁴⁰ Município do estado do Rio Grande do Sul.

⁴¹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

P.J. - E agora que separou o Vida Saudável tu também continuas atuando nele ou é só no PELC?

G.T. – Eu nunca havia atuado no Vida Saudável, até esse ano, mas por uma opção mesmo eu sempre dizia que não tinha interesse em trabalhar com o público idoso. Eu não sei se eu quero me envolver com um público idoso porque eu acho que tem muitas pessoas trabalhando com essa faixa etária e poucas pessoas hoje na Educação Física, trabalham com crianças e adolescentes. Aqui... Fazendo um parêntese, aqui na Secretaria de Esportes de Porto Alegre muitas pessoas trabalham com grupo de idosos, poucos, pouquíssimos trabalham com criança e adolescente, primeiro porque é mais difícil, tem que buscar os alunos. O adulto e o idoso é só fazer um ‘estalar de dedos’ que eles vêm, estão aí. E cada vez mais tem um público adulto. Não que eu não ache importante, acho que tem que olhar e cuidar, e temos que olhar e cuidar do público adulto e idoso porque eles estão aí e aumentando ano a ano. Nós estamos envelhecendo em uma condição física boa, muitos. Para dar um exemplo, eu trabalho aqui e trabalho no Ararigbóia. Tanto aqui quanto no Ararigbóia nós temos uma lista de espera e todas as vagas estão preenchidas para adulto e idoso. Me pergunta se os grupos para as crianças estão todos lotados? Não! Tem que estar correndo sempre atrás de criança e adolescente, porque não tem, é difícil. Por várias razões: segurança, *internet*, várias coisas, não é apenas um fator. Porque criança tem. A gente oferece um trabalho de qualidade, sistemático, com professor qualificado, com um espaço qualificado, como é o caso do Ararigbóia, que tem um ginásio e com material qualificado, e que não precisar pagar. Como assim que não tem? Tem que fazer um estudo interessante sobre isso. A gente sabe que alguns fatores inibem a participação das crianças, mas... Então por conta disso e também porque eu nunca trabalhei, nunca estudei com esse segmento do idoso, eu optei, sempre que era demandada alguma formação para o PELC do Vida Saudável, eu sempre abria mão. Por outro lado alguns colegas gostam... Gostavam mais do idoso, como tem gente que gosta dos “Povos Tradicionais” não é? E, este, fui convidado pela Beleni⁴² que trabalha e pesquisa a comunidade indígena, na UFMT⁴³. Me convidou para participar do Seminário o ano passado e criar toda a política de esportes para as comunidades indígenas. Quando

⁴² Beleni Salete Grando.

⁴³ Universidade Federal de Mato Grosso.

a Beleni me convidou eu disse: “Bah! Beleni, eu te agradeço muito, seria muito interessante, mas, depois eu não vou trabalhar com esse segmento, então, deixa a vaga para outra pessoa”. Claro que seria interessante ir para o Mato Grosso ficar um tempo estudando, participar de seminários, mas vou tirar lugar de outra pessoa que talvez possa aprofundar e levar isso para frente, não achei justo e correto. Eu sou amigo dela no *Face*⁴⁴ volta e meia ela manda os materiais, disponibilizou vários materiais dos Povos Indígenas, dos estudos dela, mas estudar isso, não tenho interesse por essa razão, não que eu não ache interessante, vou fazer uma disciplina agora no PPG⁴⁵ da Educação, que trata dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais. Eu não tenho preconceito com isso, mas não vou focar nisso, neste momento não, até porque a minha carga de trabalho não permite isso.

P.J. - E como são desenvolvidas as atividades de formação junto com os núcleos?

G.T.- Não existe uma formação direta... Deixa eu entender direito. A formação dos convênios?

P.J. – Isso.

G.T. - Fica melhor para eu entender, porque a gente não faz uma atuação direta no núcleo, com exceção das visitas técnicas que eu acho que já devo ter comentado alguma coisa. Hoje tem diferença visita técnica, visita pedagógica. Mas as formações elas acontecem da seguinte forma: quando o PELC iniciou, o convênio era de dez meses, depois ampliou para doze, depois para quatorze, depois para dezoito e hoje são vinte e quatro. As formações eram, uma de Módulo Introdutório e outra de Avaliação... Não sei se tu chegaste a fazer? Em Santa Maria eu fiz isso, trinta e duas horas de Módulo Inicial depois trinta e dois de Avaliação lá no final. Nesse meio do caminho a gente dividiu o Módulo Introdutório continuou ficando com trinta e duas, ai dividimos o Módulo de Avaliação: Avaliação I e Avaliação II. Avaliação I feita na metade do convênio, convênio de doze meses, e avaliação II no final do contrato, grosso modo, no final do convênio de dezesseis horas ou de doze meses. Foi mudando, mudando... Hoje como são

⁴⁴ Facebook.

⁴⁵ Programa de Pós-Graduação.

as formações? Hoje os convênios do edital 2014 tem a duração de vinte e quatro meses. As formações tem o Módulo Introdutório I, Módulo Introdutório II, Avaliação I, Avaliação II. O Módulo Introdutório I são vinte e quatro horas, não mais trinta e duas, o Módulo Introdutório II são mais vinte e quatro horas e tem o Módulo de Avaliação com dezesseis horas e mais a visita técnica, que a gente tem que fazer um dia antes, e depois tem a Avaliação II. Quando nós somos solicitados... “Gilmar hoje tu está recebendo...” É sempre por e-mail. “Temos a formação no Município tal, dia tal, para...” Quando eu recebo esse comunicado... “O Módulo Introdutório I, para a cidade tal, do edital tal”. Então eu sei, eu vou seguir as diretrizes do edital correspondente, terei que ver o edital, se é 2019 eu sei que são trinta e duas horas, agora já não mais, então eu só vou receber convênios novos do edital de 2014 que vai ser Módulo Introdutório I de vinte e quatro horas. O edital é um e nós já estamos trabalhando no outro. Então o Módulo Introdutório I é de trinta e duas horas o outro Módulo Introdutório I do novo é vinte e quatro. De posse dessas informações eu pego o edital, dou uma revisada aqui e, mais ou menos eu sei o que vai ser desenvolvido, procuro saber aquelas coisas básicas: quantos núcleos? Quantos formadores? Quantos agentes? Quantas pessoas além dos agentes participarão da formação? Se der, eu quero saber qual a origem? Quem são essas pessoas? É diferente tu trabalhar uma formação na UFSM que são todos acadêmicos e graduados e pós-graduados, do que trabalhar lá na cidade de Ponta Grossa que é o pessoal da comunidade que não tinha nem o primeiro grau completo. Eu tinha que pensar a linguagem sobre o mesmo tema, muito diferente. Não posso levar um texto acadêmico para discutir com o pessoal da comunidade agora se eu levo um texto mais simples para vocês lá da UFSM, vocês iam reclamar e também não ia atingir o objetivo. De posse desses dados organiza-se o programa da formação, se elabora a formação, cuidando das diretrizes e os conteúdos básicos que o Ministério, por exemplo, aponta que a gente deve seguir. Os formadores tem muita flexibilidade de usar as metodologias diferentes e readequar os conteúdos, para qualificar as formações. Para isso não existe um engessamento, mas tem uma diretriz, objetivos, diretrizes que nós temos que seguir e está correto.

P.J.- E a formação de maneira geral tem uma parte teórica, tem uma parte mais prática ou...

G.T. – Sempre, eu volto lá na origem de quando eu fui convidado e depois fui seguindo até ser formador. Eu, por origem e pelo meu cotidiano, não sou uma pessoa que trabalha dentro de uma sistematização do conhecimento acadêmico, eu trabalho com o público usuário/beneficiário, meu trabalho é mais executivo. Eu tenho que pensar que o público que vai participar das formações não tem o hábito de ficarem sentados por muito tempo e discutir conceitos e teorias. Então eu sempre procuro interagir as trinta e duas horas, com atividades e metodologias que envolvem os agentes, desde dinâmicas pedagógicas, dinâmicas de integração, não necessariamente precisam ter uma ligação direta com tudo que eu vou trabalhar. Por exemplo, se eu vou trabalhar a avaliação eu trabalho com uma dinâmica específica para avaliação, mas não necessariamente eu trabalho dessa maneira com todos os conteúdos. Mas eu posso fazer uma brincadeira, por exemplo: a brincadeira da salada de frutas ou uma brincadeira e um jogo cooperativo, nó humano, sei lá, faço uma dança das cadeiras cooperativa. Estas dinâmicas servem para movimentar os agentes, para as pessoas também terem um repertório de atividades, que o PELC aponta como atividades lúdicas e que podem ser utilizadas dentro do cotidiano das aulas. Então funcionam como uma estratégia para movimentar e integrar as pessoas, mas também como uma forma de repertório e também para as pessoas não ficarem enfadadas nem ficarem o tempo todo sentadas. Esse é o princípio básico, sempre interagir conteúdos teóricos com atividades práticas e também com dinâmicas. Nem um conteúdo que eu for trabalhar, vai ser desvinculado de uma ação prática, não necessariamente uma prática de movimentar, mais uma prática de ler um texto, de ver um vídeo, depois debater sobre o vídeo, vinculado aquele conteúdo. Além disso, eu também faço no Módulo Introdutório I, no II e até na Avaliação I, um turno de atividades práticas ou aquela atividade prática que a gente socializa que cada um faça, dessa maneira tem uma forma de se conhecerem: tu vai ser monitora de trabalhos manuais, tu vai ser monitora de dança eu vou ser monitor de lutas. Bom, em que momento a gente vai conseguir fazer uma troca? Tu mostrares o que tu fazes para mim e eu mostrar o que eu faço para vocês é muito interessante. Assim, eu aproveito a formação, ou uma parte da formação, para os agentes socializarem suas habilidades, esse momento da formação eu chamo de miniaula ou troca de experiências. Nos Módulo Introdutório I e Introdutório II, procuro fazer essas trocas, mas também, sempre procuro levar alguns elementos especialmente do esporte, que o esporte é uma dificuldade as pessoas pensarem, entenderem e trabalharem o esporte de uma forma não competitiva, não tecnicista. A maior dificuldade que os

nossos colegas tem, especialmente os mais antigos e lá do interior mais ainda. Então eu tenho que levar, e tenho que mostrar para eles e não ficar só no discurso de como pode trabalhar o esporte, de uma outra forma com neutralidade e que isso não fique uma coisa chata. Eles dizem assim: “Ninguém vai querer praticar esporte que não seja para ganhar, ganhar... E disputa aquela coisa...”. Não, a gente não joga para perder, ninguém vai jogar para perder, mas tem outras formas de jogar e de trabalhar o esporte que não seja apenas a forma competitiva, de colocar uma fila de criança atrás da bola, um chuta, e os outros vinte e cinco esperando. Isso é algo que não se faz mais, isso já está passadíssimo. Então tem que mostrar para eles como pode fazer e trabalhar o esporte de forma diferente. Enfim, em síntese é isso. Muita movimentação na aula e também tu tem moral para dizer: “Gente, nós vamos precisar da atenção de vocês que agora esse conteúdo tem que ser estendido um pouquinho mais, porque quando a gente vai trabalhar o conteúdo ‘cultura’, que é mais difícil para as pessoas entenderem, ou quando vai teorizar sobre o lazer e seus diferentes conceitos: do Marcellino⁴⁶, do Dumazedier⁴⁷, do Mascarenhas⁴⁸, as diferenças que tem entre um e outro, de onde vem”. Historiar um pouco isso, saber o que é lazer. Enfim, não vou falar de toda a formação aqui, mas essa é uma parte que eu sempre digo para as pessoas que participam: “O que faz diferente entre o educador e o bom educador, é que o bom educador é aquele que sabe o que faz e que tem fundamento no que está fazendo.” P se eu quiser fazer uma atividade... o que muda é a intencionalidade, a intenção que um educador dá para uma atividade pode ser diferente do outro. Eu acho que o que faz a diferença é se tu sabes o que está fazendo e o que é pretendido com aquilo que está fazendo, não só para ficar preenchendo horário vago. Então procuro puxar um pouco por isso e deixo sempre bastante referencial teórico e a bibliografia, levo alguns, deixo sempre aberto um canal de comunicação para perguntarem e dialogarem, o máximo que eu vou dizer é “eu não sei”, mas vou dizer onde talvez tu possas encontrar. E hoje com a tecnologia do mundo virtual de poder acessar tudo, fica muito fácil. Dicas de filmes, enfim. Às vezes levo textos, sempre projeto um pouco mais de textos, porque se eu não uso o texto durante a formação eu digo: “Olha, fica esse texto para vocês utilizarem nas formações em serviço.” Porque os coordenadores locais apresentam muita dificuldade em organizar as formações de serviço, que é de responsabilidade do

⁴⁶ Nelson Carvalho Marcellino.

⁴⁷ Joffre Dumazedier.

⁴⁸ Fernando Mascarenhas.

Coordenador de Núcleo ou do Coordenador Geral do Convênio dar conta dessas formações, a tendência sempre é ficar restrito as questões do cotidiano e de assuntos administrativos, da falta, da chamada, do problema, nunca tentam... Não buscam fazer uma análise, uma reflexão, poucos fazem isso, uma análise uma reflexão, sobre o cotidiano, sobre outras questões que não aquelas administrativas e funcionais.

P.J.- E as visitas, Gilmar? Tu comentaste um pouco antes. Tu podes me falar como elas foram incluídas?

G.T.- As visitas elas têm um propósito que é, primeiro, mostrar para o conjunto dos agentes a comunidade que eles irão trabalhar, porque o PELC não é uma unidade básica. Deixa eu explicar melhor: O PELC não tem uma estrutura igual em todos os lugares, por exemplo, se eu for para o Ceará não tem condições de fazer visita técnica no Ceará com cento e cinquenta pessoas. Ela fica extremamente prejudicada. Até fizemos visita em dois ou três núcleos, mas fizemos somente com os coordenadores que eram vinte e cinco. Imagina colocar cento e quarenta pessoas dentro de ônibus para visitar núcleos?! Isso não tem condições de fazer. Daria para fazer, mas levaria a formação toda para fazer isso, ainda mais que isso envolvia Municípios da grande Fortaleza. Lembra daquelas viagens que a gente fazia lá em Santa Maria? Eu estou falando de Santa Maria um Município que é de porte médio e que não eram tão distantes assim os núcleos, e a gente levava um dia, às vezes um turno e meio e chegava o dia cansado. Mas qual é o objetivo de visitar os núcleos? A primeira visita é socializar e mostrar aos diferentes monitores e pessoas envolvidas a realidade que eles irão vivenciar e de apontar, de pensar em alternativas e possibilidades de atuação naquele espaço, de indicar e identificar lideranças comunitárias naquele espaço. O PELC não deve e não pode funcionar somente com ofertas de atividades, mas também com uma interação e uma integração entre lideranças comunitárias que essa é, digamos, a parte que eu acho mais legal e a parte que dá mais sentido e que muda um pouco a lógica de ser simplesmente uma oferta de atividades físicas do Poder Público à população. Não, é também uma oferta, mas é uma lógica de trabalhar próximo, articulado e que as comunidades se sintam não somente recebendo um trabalho, mas que se sintam protagonistas na elaboração de projetos, no entendimento geral de todo o funcionamento, entender que aquilo é uma verba do Governo Federal, que vai ter prazo de validade, que eles têm que se mobilizar para pressionar e questionar

junto ao Poder Público local para que ele financie e dê continuidade. Tem outras questões... Que eles podem trabalhar as relações entre as comunidades e o PELC vai ser um órgão facilitador, o PELC tem que organizar um conselho gestor para que as pessoas possam conhecer participar e opinar sobre o programa. Então é isso que a gente procura fazer. A segunda visita dos núcleos, ela acontece em função do núcleo em funcionamento, aí nós formadores vamos até os locais para acompanhar as atividades, não fazer análise didática do que é trabalhado, nós não vamos lá fazer uma avaliação sobre a qualidade da aula. Não, nós vamos olhar como está se dando a relação das pessoas ali na comunidade, se tem lideranças comunitárias, não me interessa conversar só contigo, assistir e bater foto da tua aula. Me interessa conversar com os alunos, me interessa conversar com alguma liderança comunitária da volta.

P.J. Esta é a visita técnica?

G.T. – Esta é a visita técnica, de acompanhar... Tem outra visita também que é acompanhar a parte administrativa, que é uma atribuição nova para nós, mas lá no núcleo é isso. Quando ele já está em funcionamento o objetivo é acompanhar e poder dar opiniões, pode dar uns “pitacos”, e de identificar problemas, identificar dificuldades a partir dos relatos das pessoas/beneficiários. Agora eu vou à cidade de Estrela e, a gente identificou uma série de dificuldades, obviamente pela experiência da gente vamos dar sugestões ou iremos provocar que eles pensem nas soluções que às vezes a solução está na frente e eles não conseguem identificar, não conseguem ver. Então a gente funciona como, digamos, um catalisador para que essas soluções possam vir a acontecer. Então, inicialmente, tem esse propósito, de mostrar as possibilidades que eles não identificaram ou não enxergaram no seu espaço. E a segunda, já com o núcleo em funcionamento, a agente poder acompanhar e fazer o registro e depois poder dialogar sobre aquela atividade que está acontecendo.

P.J. – E esta visita nova que tu comentaste?

G.T. - Essa é uma visita nova de um dia inteiro, uma visita que está vinculada, associada à formação do AV I, que é o momento em que a gente não somente faz uma análise pedagógica e política pedagógica da atividade de campo, mas também faz uma análise

de outras informações, outros dados que tem a ver também com a parte administrativa. Quem fazia isso a tempos atrás eram os técnicos do Ministério, que agora, até fazem eventualmente, mas não tem condições de fazer visita cotidianamente em todos os núcleos, em todos os convênios.

P.J.- E quais os lugares que tu atua como formador?

G.T.- Que eu já atuei?

P.J.- Que tu já atuou, se tu tens uma noção mais ou menos de quantas tu já fez?

G.T.- Não, só se eu parasse para contar, mas muitas, deixa eu ver. Estrela, Feliz, Ivoti, Ponta Grossa, Jaguarão, Bagé, aqui em Santa Catarina, Dionísio Cerqueira, Estrela já falei, Curitiba, Natal, Fortaleza, Maracajá, Porto Alegre...

P.J. – Então ela não é regionalizada?

G.T. – Era para ser [risos]. Santa Maria. Em algumas dessas cidades eu fui mais uma vez, Santa Maria fiz formações em mais de do que um convênio, Santa Maria como tiveram dois convênios acho que fui umas quatro, cinco vezes. Para Ponta Grossa, como eles fizeram dois ou três convênios se eu não me engano, fizeram em períodos diferentes, eu fui acho que umas seis vezes para Ponta Grossa. O que tu tinha me perguntado?

P.J. - Eu te perguntei se essas formações não eram regionalizadas?

G.T. - Quando nós fizemos o convênio com a UFMG o nosso contrato era atuar no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, esse era o limite. Mas bom, as coisas não andam exatamente como a gente programa inicialmente. O que aconteceu? O Ceará fez um convênio grande Ceará, o Rio de Janeiro também teve um convênio grande e eu fui convidado para fazer a formação do Rio, mas não fecharam as datas que eu tinha disponível. Quando têm esses convênios muito grandes como esse do Ceará com cem núcleos, não dá para se restringir apenas aos formadores da Região Norte ou Nordeste, então a galera do Sul... Sul e Sudeste vão ajudar. Ou então quando é muito

regionalizado, atualmente não tem muitas formações no Sul, as formações são mais concentradas no Centro-Oeste, no Sudeste e no Nordeste. O que está acontecendo? Nós estamos subindo. A ida para Natal foi um pedido especial do coordenador de lá que era meu amigo, então ele gostaria muito que eu fosse dar a formação. Que para mim foi um problema, porque eu levei uma semana inteira entre o deslocamento e a formação. A formação foi terça, quarta, quinta e sexta. Imagina foi terça, quarta e quinta, nós passamos três dias lá, aí levei segunda para ida e sexta para a volta, ou seja, semana toda. Tem essa preocupação também de ser organizado para facilitar um pouco o deslocamento também e porque fica menos pesado o tempo de viagem. É muito diferente sair um formador de Minas para ir até Pernambuco do que sair um formador de Porto Alegre e de Caxias para ir até Pernambuco, o custo de transporte é muito, muito diferente, então a ideia inicial é regionalizar, mas quando tem uma demanda, nós também como em alguns casos aconteceram, que os formadores do Nordeste vinham para o Sul em uma época que o Sul tinha muita formação, tanto que quem veio aqui trabalhar na formação do PELC na cidade de Santa Maria foi um colega de Vitória, que veio dar uma formação em Arroio do Sal, foi um colega de Brasília e um Paulista veio dar uma formação em Panambi, então essas coisas acontecem.

P.J. – E quais áreas vocês costumam abordar nas formações?

G.T. – Basicamente, o conceito de cultura, conceito de lazer e conceito de esporte, pela ordem.. Esses são os conceitos básicos que tem que trabalhar. Qual é a concepção de cultura do PELC? Qual é a concepção de lazer? Quais os referenciais teóricos que a gente utiliza e que referenciais teóricos se pensa o esporte? Não é qualquer esporte que se pratica no PELC. Não é esporte de rendimento, não é esporte escolar, é o esporte de participação dentro daquela divisão da LDB⁴⁹ que é aceita e que hoje avançou felizmente. O conceito de esporte participação para esporte lazer, esporte recreativo, está bem ampliado o conselho esta bem legal, além disso... Bom, só com isso dá conta de tudo? Não. A gente trabalha planejamento, planejamento pedagógico...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO] ⁵⁰.

⁴⁹ Lei de Diretrizes e Bases.

⁵⁰ Entrevistado atendeu o telefone.

G.T. – Então é uma questão de entendimento. Bom, tu entendes estes conceitos, como é que tu vais trabalhar isso? O que tu precisa? A gente pensa assim, se eu for trabalhar e dialogar com pessoas que tem uma formação superior e essa formação superior está vinculada ao campo pedagógico, é tranquilo. Falar sobre os planejamentos, sobre a didática, sobre a metodologia é tranquilo. Agora, quando o agente é uma pessoa, mesmo com curso superior, que são enfermeiros, administradores, informática ou que estão dando uma oficina qualquer, porque dominam um determinado conteúdo...O PELC permite isso, porque dominam uma determinada técnica de capoeira, ou de artesanato, ou oficina de percussão. Quem é que da oficina de percussão? Pensa que é o músico da Universidade? Não, é o mestre da Escola de Samba, é o percussionista que não tem noção muitas vezes de um planejamento organizado e muito menos para organizar um evento, então o formador trabalha, além dos conteúdos teóricos, desenvolve e orienta a elaboração do planejamento pedagógico, trabalha planejamento de eventos e trabalha outros conteúdos que são coisas paralelas, como é integração social, enfim vários conteúdos paralelos.

P.J.- E tu destacaria alguma coisa das formações realizadas aqui na Região Sul? Tu trabalhaste aqui, trabalhou no Nordeste, enfim em outros lugares tu terias algum destaque nessas formações que realizou?

G.T.- Eu estou pensando, nunca me fiz essa pergunta [risos]. Mas é interessante, eu não diria assim Norte e Nordeste.

P.J. – Sim, nos lugares que tu atuaste Centro-Oeste...

G.T. - O que eu percebo no PELC e trocando isto com os formadores, muitos deles concordam comigo, com os que eu conversei. Normalmente o PELC do interior em Municípios menores ele dá mais resultado, as pessoas se integram mais, interagem mais, se dedicam mais ao programa. Acho que, por vários motivos, agora estou colocando as hipóteses que não chegam a ser medidas, mas que fazem sentido, por exemplo: Municípios menores, muitos deles nunca tiveram uma política pública de esporte e lazer, política pública financiada pelo Estado, financiada pelo Poder Público de ofertar e de

disponibilizar para as pessoas de todas as faixas etárias essas atividades gratuitas com um profissional qualificado. Isso faz muita diferença. Segundo, as pessoas são mais dedicadas, tanto quem ministra a oficina quanto quem pratica, ou seja os alunos. Não sei dá para afirmar isso, mas essa situação é o que muitos formadores comentam. Mas eu vou dar grande destaque que ao meu ver supera essa constatação, a meu ver é: naqueles convênios onde tem um Coordenador Pedagógico dedicado e sério e que atua como Coordenação Pedagógica, esse faz toda a diferença. Claro que no Município menor com poucos núcleos ele consegue dar uma qualidade melhor, nos Municípios maiores que tem esse trabalho também conseguem fazer um trabalho bom, não dá mesma qualidade porque tem uma rotatividade muito grande de monitores devido ao valor da bolsa. Em Municípios grandes a oferta de possibilidades, de bolsas e de outros bicos é maior do que em municípios menores. Mas um aspecto que me chama atenção, quando eu vou (eu não fui muitas vezes), mas quando eu saio da Região Sul, as pessoas gostam muito e querem saber muito... no Nordeste, querem saber muita coisa do Sul. Quando eu vou trabalhar as formações aqui e que eu trago algumas coisas de lá, ou vídeos, as pessoas ficam fascinadas com a ideia de poder conhecer o PELC do outro lado, depois do Mampituba⁵¹. Olha é muito raro um convênio que não apareça nos instrumentos de avaliação “sugestões”, não somente às formações, mas sugestões ao PELC: intercâmbio, conhecer, interagir, integrar com outros convênios, outros Municípios, outros locais para poder fazer trocas. Antigamente já teve isso, não para todos agentes, mas no tempo da Rejane e da Andréa quando estavam no Ministério tinha o Encontro Nacional do PELC que participavam os coordenadores gerais e alguns Coordenadores de Núcleo, mas não todos os agentes porque não tinha nem espaço para todos participarem, mas tinha esses Encontros Nacionais, eram bem interessantes e muito bons.

P.J. - E na tua opinião como essas formações elas impactam nos núcleos?

G.T. - Eu estudei isso na dissertação de mestrado. As formações, quando tem a formação com a presença do formador, ela não resolve tudo, ela funciona como, digamos uma mola propulsora, ela funciona como um estopim para desencadear outros momentos e sacudir as pessoas e também durante a formação é o momento que as pessoas focam e olham

⁵¹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

para o PELC naquele momento, ou seja, toda a concentração toda a atenção esta voltada para o PELC, então as pessoas conseguem fazer uma análise um pouco melhor, conseguem abstrair um pouco sobre as suas dificuldades, sobre as suas qualidades naquele momento quando esta ocorrendo a formação. Cria-se um clima, uma aura em que todos juntos procuram discutir, debater uma mesma temática. Elas ajudam e acho que elas estimulam. O fato de hoje ter quatro formações é muito bom porque os agentes não ficam um tempo muito longo sem um contato com os formadores, é uma avaliação minha. O fato de se ter mais avaliações faz também com que o coordenador fique ligado nisso, “teve o Módulo Introdutório I em seguida vai ter dois”, ela já vai ter que ficar pensando e não vai se desligar total da preocupação com a formação. Sobre a avaliação de formadores eu penso, ela é boa, ela estimula, ela instiga, mas ela não dá conta de tudo. Quem vai dar contar, vai complementar e vai dar qualidade a isso é o coordenador, e aí sim, ter um Coordenador Pedagógico faz a diferença, porque se não, a reunião pedagógica fica limitada somente a questões administrativas, ou nem sai, as pessoas vão passar a discutir ou refletir sobre o PELC só quando o formador voltar, então, ela ajuda muito, tanto que não é uma visão minha sobre o meu trabalho como formador, esta é uma análise a partir das observações dos diálogos e mais: das leituras e dos registros dos instrumentos de avaliação das formações, tu conhece os instrumentos de avaliação do PELC?

L.M.- Alguma coisa.

G.T. – Eu não sei se eu tenho algum aqui, acho que não, eu estou com a pastinha de Estrela, mas eu tirei as avaliações. O instrumento de avaliação é um instrumento padrão, mas ele tem nuances um pouquinho diferente do I, II, III e IV. O Módulo Introdutório I e II, Avaliação I e II, e ai têm algumas questões fechadas e algumas questões abertas que o agente pode opinar: “Qual é a parte mais importante?”; “O que ficou para ti da formação?”; “O que tu sugere para a formação?”; “Críticas sobre a formação”. Enfim, está aberto para poder abrir e criticar e os formadores fazem uma síntese disso. O que nós percebemos que muitas das temáticas do dia a dia, eles apontam como coisas positivas e boas e que fazem a diferença nas formações, por exemplo: avaliação. Nota-se que o tema avaliação, o agente não trabalha só a questão teórica da avaliação, mas trabalha o sentido e o significado que se dá para avaliação e quando pensa no momento de avaliar ele vai

qualificar o seu trabalho e vai melhorar o trabalho. A partir deste exercício de avaliar o seu trabalho ele passa a enxergar diferente a avaliação, senão para que serve avaliar? Outros falam do planejamento, outros falam da elaboração de projetos, outros falam do modo diferente de como começou a enxergar o esporte, outros falam que nunca tinha pensado no tema cultura dessa forma. Esses conteúdos, a formação ajuda as pessoas a pensarem a refletirem sobre aqueles conteúdos naquele momento. E uma coisa que surge muito e aparece muito e é um dos itens mais citados: “Passou muito rápido a formação, precisamos ter mais horas”. E olha, pensar que se faz uma formação em trinta e duas horas é bastante tempo, em quatro dias, oito horas por dia. E as pessoas dizem isso: “Alguns conteúdos foram rápidos”; “Precisamos ter mais aulas praticas.” Isso é a questão clássica das formações: “Precisaríamos ter mais aulas práticas, atividades práticas”. E não cabe, não tem como encaixar muitos momentos com atividades práticas. Tem formador que nem trabalha a atividade prática e aí vai um pouco de cada trabalhar as formações. Eu não gostaria de participar de um curso, de uma formação para trabalhar com um público de agentes sociais de esporte e lazer e ficar trinta e duas sentado ouvindo ou simplesmente trocando ideias, acho que em algum momento a gente tem que interagir tem que realizar atividades práticas. Eu não abro mão, pelo menos um turno das formações do Módulo Introdutório I, Introdutório II e quando solicitado Avaliação, porque O Ministério não aponta nas diretrizes das formações dos módulos de avaliação a realização de atividades práticas. Outros exemplos de diretrizes: as visitas técnicas tem que ser feita no AVI e no AVII não precisa. O Ministério não exige que eu coloque atividade prática, o Ministério não exige que eu coloque dinâmicas de integração, que eu inclua dinâmicas para eles, no entanto, quer que eu desenvolva o conteúdo com aquele referencial teórico e com aquela política pedagógica. É isso. Como eu vou recheiar isto, que estratégias serão utilizadas é responsabilidade de cada formador.

P.J. - E de uma forma geral o que tu destacarias do PELC? Do programa de maneira mais abrangente.

G.T. - O PELC é um programa social humanizante. Eu acho, eu acho não, eu penso do PELC um programa que qualifica a vida a relação das pessoas, é uma pena que poucos enxerguem isso, especialmente os Governos de maneira geral que não destinam muitos recursos para isso, não vou entrar nem naquela discussão: “Olha, vamos investir um

real”... Não é nem esse o papo: “Vamos investir um real no Esporte e no Lazer que ai é cinco reais a menos na saúde”. Não precisamos nem entrar nessa discussão, nem precisa entrar assim “é saúde”. Saúde vem à reboque, é condição inerente o praticante de atividade física não exagerada, porque é exatamente isto: tu fazer uma atividade física ou praticar qualquer atividade física moderada vai te trazer benefícios fisiológicos. Eu penso o PELC com outro olhar, que é uma maneira de as pessoas romperem um pouco aquela lógica que a gente vive hoje cada vez mais egoísta, cada vez menos olhando para os outros, olhando só prá si. Acho que o PELC ajuda um pouco a construir essas novas relações e eu digo para os agentes: “Olha, o PELC é uma oportunidade da gente mostrar para as pessoas que existe uma outra forma de se relacionar”. Especialmente quando trabalha com crianças e adolescentes que não é aquela forma agressiva, aqui no PELC todos tem lugar, todos tem vez, todos são bem vindos, isto não significa “oba, oba” no trabalho dos agentes.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]⁵²

G.T. – Eu penso isso do PELC, que o PELC é uma oportunidade boa de mostrarmos para as pessoas que existe uma forma diferente de se relacionar, mais humana, mais alegre e que bom que temos esse instrumento para poder trabalhar isso. Eu sempre digo que me sinto privilegiado de trabalhar eu um programa desses, porque, imagina quem trabalha de Assistente Social que drama deve ser, trabalhar com o dramalhão, com a doença, não só com a doença física, a doença emocional, a doença da violência. Nossa! Então eu acho que o PELC ajuda a minimizar um pouco as agruras da sociedade e das pessoas. Isso é o PELC, acho que é uma política que está muito longe de ser uma política universal, que deveria ser universal, mas está longe de ser por várias razões uma delas que eu vejo é que, normalmente, os gestores municipais não enxergam, não dão importância. Não vamos longe, olha o nosso Governador aqui no Rio Grande do Sul, o primeiro ato dele: “Vamos enxugar a máquina administrativa”. Qual que ele enxugou? Enxugou a Secretaria de Esporte e a Secretaria de Políticas das Mulheres, e depois não enxugou mais nada, ele ia enxugar a Cultura, não enxugou. Ele vai reduzir a máquina. O que ele faz? Extingue a FUNDERGS⁵³, já demitiu todos os funcionários que eram contratados,

⁵² Entrevistado atende o telefone.

⁵³ Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul.

tinha mais de quarenta, já demitiu, os que vão ficar são só os CCs⁵⁴. Então, poxa vida, nós estamos falando de um momento em que o nosso país, ano passado teve a Copa do Mundo aqui em Porto Alegre, ano que vem temos Olimpíadas. Mas ao mesmo tempo temos Municípios no interior, municípios pequenos que conseguem perceber a importância do esporte e lazer e mesmo depois que o convênio com PELC termina, conseguem, não mantê-lo na sua estrutura e com todos os seus agentes, mas consegue manter essa política, então, temos um caminho longo pela frente.

P.J. - E no que diz respeito ao papel da inclusão social do PELC, tu acredita que ele vem cumprindo de uma forma mais positiva ou esta em processo ainda?

G.T. - Eu acho que a gente está avançando nisso, mas eu diria que nós estamos longe do razoável, até porque é um programa de abrangência nacional. O PELC, nossa, permite uma possibilidade de inclusão e eu vou transferir o que eu tenho ouvido muitas vezes, como eu falei para vocês, quando eu vou para as visitas eu não vou só para olhar e para falar com o professor, eu vou para olhar, falar com o professor na formação, mas para falar com as pessoas beneficiárias e lideranças comunitárias, também. Eu quero ouvir delas o que elas estão achando do PELC, como elas enxergam o PELC mesmo, se elas têm noção do que elas estão fazendo. E nós ouvimos muito, especialmente de adultos e idosos: “Nossa, a minha vida mudou completamente, passei a conhecer mais pessoas, passei a não tomar mais remédios para a minha depressão, eu era uma pessoa deprimida”. Isso eu ouço sempre em todas as formações, agora eu vou para Estrela e vou ouvir de novo isso. Eu fazer a seguinte pergunta aos beneficiários durante as visitas pedagógicas: “O que mudou na vida de vocês depois que vocês passaram a frequentar as aulas aqui?” Especialmente para os adultos. As crianças talvez não consigam abstrair isso, mas os adultos conseguem, e o idoso. “Mudou?” “Vocês estão se limitando a se encontrar com as pessoas só aqui ou em outros momentos também?” ; “Aqui a gente vem, mas além daqui a gente está se encontrando fora, estamos nos encontrando em outros momentos, estamos fazendo laços de amizade”. E isso vai ficar, não é gente? Entendeu? Que é isso que fica. Se acabar o PELC esses laços de amizade vão continuar, então, acho que o

⁵⁴ Cargos de Confiança.

PELC ajuda muito nisso. Ele como um Programa Federal, de abrangência nacional está muito longe.

L.M – Gilmar, posso te fazer uma pergunta? Gostaria de saber. Tu és um formador? Dessas unidades todas que tu fez, vamos supor, em Santa Maria, Feliz, esses lugares todos que tu visitou e tu fez essa formação para esses agentes, tu tens notícia de que essa tua formação em algum momento, alguma deu errado? Que alguma não teve esse resultado efetivo que o PELC propõe? Que o Governo Federal com esse programa propõe para as pessoas? Em alguma dessas regiões que tu já visitou, que tu saiba ou que tu tenha notícia. Porque às vezes o programa nem sempre é perfeito, às vezes ele não consegue atingir e por uma questão política, uma questão de convênio, alguma uma questão de assim. E eu gostaria de saber se tu sabes disso e como o programa intervém diretamente quando há esta questão que não consegue atingir o objetivo?

G.T. – Eu sei... Bem prático, eu conheço dois municípios aqui da grande Porto Alegre inclusive, em que eu fui formador, tiveram problemas. Um deles o Ministério não renovou o convênio, porque percebeu que... E a gente percebia, nas formações quando se fazia as visitas pedagógicas que o trabalho não era articulado. Eu vou te dar um exemplo: Eu fui a um município que na época estava programada a visita do formador em uma associação comunitária para uma atividade. Cheguei lá neste local junto com o Coordenador Geral do Município, mais duas pessoas da Prefeitura. Chegamos naquele local, o espaço estava fechado e nem sequer o coordenador de núcleo estava presente, chegou muito depois sem a chave, ou seja, não acessamos o local, então eu te pergunto: “Não esta evidente que não havia trabalho ali? Não está evidente que não tem articulação nenhuma ali?” Bom, o resultado disso é que o Governo Federal... poderia renovar o convênio, não o fez, porque era um convênio do Pronasci e a possibilidade de uma renovação automática; renovação não é o termo correto, mas sim novo convênio, não ocorreu. Em um outro município também, e é um município que eu faço questão de dizer que era um município que o Prefeito era do mesmo partido do Presidente, ou seja, do PT, o convênio foi interrompido, tiveram que devolver o dinheiro, então existem essas coisas também. Esses exemplos são de município em que eu fui formador, mas tenho conhecimento de outros estados, do Rio especialmente, que as pessoas tiveram que devolver o dinheiro, e muito dinheiro, porque não deu certo, ou porque gerenciaram mal,

ou não trataram com seriedade, várias razões. Problemas desde pegar dinheiro para contratar pessoas porque foram amigas de um político tal, então essas coisas acontecem, entre outros problemas.

P.J. – E na tua opinião o que poderia ser feito hoje no projeto para que ele pudesse se qualificar um pouco mais?

G.T. – Bom, o convênio tem alguns gargalos e que são complicados. Eu não sei se é possível dentro da legislação, se é possível fazer isso. Eu falei no termo renovação, não existe renovação. E eu percebo, noto e o Ministério também sabe disso, que em alguns municípios o PELC é muito bom, que eles mereceriam ter uma continuidade, um aporte financeiro para dar continuidade no programa, no novo convênio. Isso não ocorre, essa possibilidade não existe na velocidade que seria necessária para evitar interrupções entre um convênio e outro, no mesmo município. Deixa eu só voltar um pouquinho antes disso. O Ministério pensa, ele sabe que não tem recursos para todos os Municípios para desenvolver o PELC, então, o que tem como uma de suas premissas? É que com a implantação do PELC e o conveniamento do PELC a gente consiga mobilizar, eu digo a gente porque eu também sou parte disso, que a gente consiga mobilizar os gestores locais e as comunidades sobre a importância e a necessidade de assumir o PELC como política pública local, ou seja, que o prefeito consiga enxergar isso e consiga gradativamente colocar no seu orçamento e municipalizar o programa. Alguns Municípios conseguem. O Ministério está preocupado com essa realidade e percebe que precisa mais tempo de convênio e por conta disso passou de dez para doze, quatorze, vinte e quatro meses para dar mais tempo e mais recurso para que o município se organize e possa incluir no orçamento municipal os custos do programa. Em minha opinião e na opinião do Ministério, mesmo que tivesse um segundo conveniamento para dar continuidade, e isso não é fácil de resolver administrativamente, ou seja, ao concluir um convênio e retomar imediatamente um novo, demora muito tempo, as vezes demora quase um ano, então, ficar quase um ano parado, o trabalho fica completamente desarticulado. E a gente sabe que trabalhar com comunidade, articular é difícil, desarticular é muito fácil, rearticular é mais difícil ainda. Esse é um dos gargalos dessa renovação, isso é um dos problemas. Bom, eu acho que o outro problema é essa a grande dificuldade financeira de poder expandir o PELC para vários locais. E o que mais eu acho que poderia ser? Bom, eu acho

que esse é o maior problema do PELC: o excesso de burocracia. Burocracia para liberar o dinheiro, para liberar o recurso, por conta da legislação de aplicação de recursos. As Universidades Federais devem vivenciar isso e têm dificuldades, esse problema para os municípios fica ampliado para a terceira ou na quarta potência. E também, os municípios pequenos tem dificuldade de acessar o Ministério, é muito difícil. Tem município que acaba desistindo do recurso, não consegue captar o recurso porque não consegue entrar no SICONV⁵⁵, não consegue se apropriar do SICONV, não consegue dar conta da parte burocrática, enfim, esse mais dos problemas enfrentados no PELC.

P.J. – Gilmar, tem alguma coisa que a gente não perguntou e tu gostarias de comentar?

G.T.- Não, nós falamos bastante não é [risos]? Eu acho que o PELC é uma política pública que qualifica a relação das pessoas, hoje, é uma política pública muito séria, administrada e gerenciada por pessoas muito sérias, tanto do Ministério com a Ana Elenara⁵⁶, não dá para falar de todo o Ministério porque eu conheço pouco as pessoas que, atualmente, estão gerenciando o Ministério, muitas pessoas mudaram, quanto da UFMG que tem uma equipe muito séria e qualificada. Quando uma política pública é tratada com seriedade, como ela vem acontecendo, a chance de ela dar certo é maior. Mesmo entendendo que ela perdeu espaço, e quando eu digo que ela perdeu espaço é porque ela perdeu espaço de poder dentro do Ministério, mas perdeu também espaço financeiro e política pública não se faz sem recurso, aliás, não é que não se faz sem recurso, não se faz. Porque para desenvolver uma política pública, precisamos de três alicerces, três pilares: o recurso financeiro, humano e infraestrutura. Então, se tu não tens um dos três, não vai implementar uma política pública. Não adianta ter o recurso humano e não ter a infraestrutura, ou não ter o recurso financeiro. E hoje o PELC está, digamos, ele está magrinho perto do que ele já esteve. Tomara que esse novo Ministro... Ele apontou e o novo secretário apontou, também, que estão muito impressionados com a abrangência do PELC. E eu acho... Não acho, tenho certeza disso: o PELC é um Programa de abrangência social inigualável, especialmente o PELC Urbano. Ele atinge a criança, o adolescente, o adulto, o idoso e procura atender também as pessoas com necessidades especiais. Esse é um gargalinho que a gente também não consegue dar

⁵⁵ Sistema de Convênios.

⁵⁶ Ana Elenara da Silvas Pintos.

conta. Tem o PELC para Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais, tem também o Vida Saudável que abrange só idoso acima de cinquenta anos. Outros programas do Ministério, como por exemplo, o Programa Segundo Tempo é legal, mas trabalha com uma camada da população. O Programa Segundo Tempo Universitário, também, atua com uma camada da população. Esse programa, o PELC, a meu ver atinge todos, é um programa universal, e eu não conheço mas, pode ser que tenha um programa tão abrangente e tão universal quanto o PELC. Ele abre várias possibilidades, não é só esporte, não é só trabalho manual, não é só musica.

P.J. – Era isso Gilmar. Em nome do Centro de Memória do Esporte quero agradecer tua disponibilidade para conceder essa entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]